

# ATHENA

## REVISTA DE ARTE



VOL. I

*Fevereiro*

N.º 5

1 9 2 5

Direcção e Administração: LISBOA - 24, Travessa do Fiala-Só



# A DECISÃO DE GEORGIA

DE O. HENRY

(Tradução de Fernando Pessoa)

Se algum dos senhores alguma vez visitar a Repartição Geral das Terras, entre na sala dos desenhadores e peça que lhe mostrem o mappa do districto de Salado. Um allemão lento — talvez o velho Kampfer mesmo — lh'o trará. Será quadrado, com um metro de lado, pouco mais ou menos, e feito em tela forte de desenho. Os dizeres e os algarismos estarão admiravelmente claros e visiveis. O titulo estará desenhado em estylo germanico, magnifico e indecifavel, carregado dos ornamentos teutonicos do costume — provavelmente Ceres ou Pomona encostada ás iniciaes com cornucopias despejando uvas. Nesta altura diga a quem trouxe o mappa, que não é esse que deseja vêr; peça que lhe tragam o antecessor official d'aquelle. Então elle dirá, *Ach, so!*, e apparecerá com um mappa de metade do tamanho do primeiro, imperfeito, velho, roto e descolorido.

Reparando bem para o canto de noroeste, verá os contornos gastos do rio Chiquito, e talvez, se tiver bons olhos, descobrirá a testemunha silente d'esta narrativa.

O Commissario da Repartição das Terras era do genero antigo: a sua cortezia antiquada era formal de mais para o tempo em que vivia. Trajava de bom preto, e havia qualquer cousa vagamente evocadora do romano no comprimento das abas do seu frack. Os collarinhos que usava eram «pegados» (os camiseiros é que teem culpa da palavra); a gravata, que lhes sobrepunha, uma tira estreita e funerea, atada com o mesmo laço que os atacadores das suas botas. Seu cabello branco era um pouco comprido de mais, mas estava sempre arrumado. Tinha a cara toda rapada, como os estadistas de outrora. A maioria da gente achava a sua expressão um pouco dura, mas, quando despida da attitude official, alguns tinham encontrado um semblante inteiramente differente. Especialmente terno e suave o acharam aquelles que estiveram junto d'elle quando foi da doença final da sua unica filha.

Havia annos que o Commissario era viuvo, e a sua vida, fóra dos seus deveres officiaes, tinha sido tam dedicada á sua pequenina Georgia, que se fallava d'essa vida como de uma cousa tocante e admiravel. Elle

era um homem reservado, de uma dignidade quasi dura, mas a creança tinha atravessado isso tudo e ido direito ao seu coração, de modo que quasi não sentia a falta do amor materno que perdera. Havia entre pae e filha uma camaradagem enorme, pois ella tinha bastante do feitio d'elle, sendo séria e pensativa para além do que a sua idade faria esperar.

Um dia, estando ella de cama, com uma febre alta a arder-lhe nas faces coradas, disse de repente :

«Papá, eu queria fazer qualquer coisa de bom para uma grande quantidade de creanças!»

«O que é que querias fazer-lhes, amor?» perguntou o Commissario. «Dar-lhes uma festa?»

«Não, não é essa especie de creanças. Eu quero dizer as creanças pobres, que não teem casa, e que não teem ninguem para gostar d'ellas e tratar d'ellas como eu tenho. Olhe, papá!»

«O quê, amorsinho?»

«Se eu não melhorar, paesinho, eu deixo o paesinho a ellas — não o dou, mas empresto-o, porque o paesinho tem que vir ter com a mamã e commigo quando morrer tambem. Se tiver tempo, o paesinho faz qualquer coisa para bem d'ellas, se eu lhe pedir, não faz?»

«Socega, filhinha, socega», disse o Commissario, pondo a mão d'ella, que escaldava, contra a propria face; «tu estás melhor d'aqui a pouco, e depois nós dois veremos o que podemos fazer juntos para bem d'ellas.»

Mas, quaesquer que fossem os caminhos de benevolencia, assim vagamente premeditados, que o Commissario pudesse trilhar, não haveria de ser nelles acompanhado pela filha. Naquella mesma noite o pobre corpinho já não pôde resistir mais, e deu-se a sahida de Georgia d'aquelle grande palco onde mal tinha começado a dizer a sua pequena falla. Deve, porém, haver um director de scena que comprehende. E ella tinha dado a deixa a quem haveria de fallar a seguir.

Uma semana depois de ella ter desaparecido, o Commissario reapareceu na repartição, um pouco mais cortez, um pouco mais pallido e austero, com o eterno frack preto pendendo um pouco mais solto do seu corpo muito alto.

A sua secretária estava apinhada de trabalho que se havia accumulado durante as quatro terriveis semanas da sua ausencia. O adjuncto tinha feito o que pudera, mas havia questões de direito, de decisões

subtis a dar sobre a concessão de patentes, sobre a venda e aluguer de terras, sobre a divisão de novas terras, a conceder a colonos, em agrícolas e de pastagem, em regadas e florestaes.

O Commissario entregou-se ao trabalho silenciosa e obstinadamente, recalçando o mais possivel a sua dor, forçando seu espirito a prender-se no expediente complexo e importante da sua repartição. No segundo dia depois do seu regresso chamou o continuo, apontou para uma cadeira de couro que estava ao pé da sua e mandou que a levasse para um quarto de arrumações que havia no sotão do edificio. Era naquella cadeira que Georgia sempre se sentava nas tardes em que vinha á repartição para sahir com elle.

Á medida que o tempo passava, o Commissario parecia tornar-se mais silencioso, mais solitario, mais reservado. Desenvolveu-se nelle uma nova phase de espirito. Não podia supportar a presença de uma creança. Muitas vezes, quando, a barulhar, o filhinho de qualquer dos amanuenses entrava chilreando na sala grande ao lado do seu gabinete, o Commissario, erguendo-se sem ruido, ia e fechava a porta. Atravessava sempre a rua para não passar pelas creanças que vinham pelo passeio, em ranchos felizes, á sahida dos collegios; e a sua bocca firme fechava-se numa linha sem labios.

Eram quasi trez mezes depois que as chuvas tinham arrastado as ultimas petalas de sobre a pedra que cobria a pequenina Georgia, quando a firma Hamlin e Avery, «tubarões de terras» entregou o requerimento sobre o que lhe parecia a vaga mais «gorda» do anno.

Não se deve suppor que todos aquelles, a quem se chamava «tubarões de terras», merecessem realmente o nome. Muitos eram homens serios, de boa reputação commercial. Alguns havia que podiam entrar nos concilios mais augustos do estado e dizer, «Meus senhores, queremos isto e aquillo, e as coisas teem que ir d'esta e d'aquella maneira». Mas, depois de uma secca de trez annos e uma epidemia nos semeados, o tubarão de terras era o que o Colono Real mais temia. O tubarão de terras pairava na Repartição das Terras, onde se guardam os registos de todas ellas, e espiolhava «vagas», isto é, extensões de terrenos publicos inappropriados, invisiveis em geral nos mappas, mas na realidade existentes. A lei dava o direito a quem quer que possuísse já certos titulos de posse a requerer a posse de quaesquer terras que ainda não estivessem legalmente appropriadas. A maioria dos titulos estava já nas mãos dos tubarões de terras. Assim, com o dispendio de poucas cente-

nas de dollars, elles muitas vezes obtinham terras que valiam, pelo menos, outros tantos milhares. Como é de suppor, era constante e tenaz o espiolhamento das «vagas».

Mas muitas vezes, muitissimas, as terras que assim obtinham, ainda que legalmente «inappropriadas», estavam occupadas por colonos felizes e tranquillos, que levavam annos de trabalho a construir alli os seus lares, apeñas para descobrir, no fim, que a sua posse era illegal, e receber mandado de sahida immediata. Assim se formou o odio amargo, e não de todo injustificavel, que os pobres colonos trabalhadores sentiam para com os especuladores esportos, e muito poucas vezes misericordiosos, que frequentemente lhes arrancavam, de um dia para o outro, deixando-os sem lar e sem pão, os fructos inuteis do seu trabalho porfiado. A historia do estado está cheia d'este antagonismo. O tubarão de terras raras vezes mostrava a cara nas «locações» de onde teria que despejar as pobres victimas de um systema territorial monstruosamente embrulhado; deixava que os seus emissarios tratassem d'isso. Havia em todas as cabanas chumbo em balas para elle; muitos dos seus pares tinham enriquecido a herva com o seu sangue. A culpa vinha de traz.

Quando o estado era jovem, sentia a necessidade de attrahir os recémvindos, e de compensar aquelles primitivos colonos que já estavam a dentro de suas fronteiras. Anno após anno se passaram patentes de terras — direitos de posse, concessões, doações de estado, patentes confederaes; e passaram-se a companhias de caminho de ferro, a empresas de irrigação, a colonos em conjuncto e isolados, emfim a toda a gente. Tudo que se exigia ao concessionario é que fizesse delimitar as terras, que lhe eram concedidas, pelo agrimensor do districto ou da parochia, e a terra assim appropriada tornava-se para sempre sua, e dos seus herdeiros ou legatarios.

Nesses dias — e ahi é que começou o mal — os dominios do estado eram por assim dizer inexgottaveis, e os antigos agrimensores, com liberalidadé principesca, davam boa medida, e cheia a transbordar. Muitas vezes o homem de medidas e mensuras dispensava de todo os apetrechos do cargo. Montado num poldro que cobria pouco mais ou menos uma vara em cada passo, com uma bussola de algibeira para orientar o seu curso, fazia uma delimitação a trote, contando o bater das patas da sua montada, marcava os cantos, e escrevia as suas notas com a complacencia produzida por um acto de dever bem cumprido. A's

vezes — e quem é que o censuraria? — quando o poldro procurava pasto, talvez fôsse levado mais para cima e para longe, e nesse caso o beneficiario da patente apanharia mais mil ou dois mil acres verificados do que a patente rigorosamente exigia. Mas o estado tinha leguas sobre leguas de que dispor. O caso é que ninguem teve alguma vez que queixar-se de o poldro andar de menos. Quasi todo o registo antigo no estado incluia um excesso de terras.

Em annos posteriores, quando o estado se tornára mais populoso, e o valor das terras subira, este trabalho imperfeito produzira innumeras complicações, processos sem conto, um periodo de pirataria de terras e não poucas scenas de sangue. Os tubarões de terras cahiram vorazmente sobre os excedentes illegaes dos antigos registos, e requeriam a patente de posse d'essas extensões por serem dominio publico inappropriado. Onde quer que fossem vagas as identificações das concessões primitivas, e os limites difficeis de estabelecer, a Repartição das Terras reconhecia como válidas as locações modernas, e passava titulos aos novos locadores. Aqui é que se dava o peor mal do systema. Estes registos antigos, escolhidos do melhor das terras, estavam quasi todos occupados por colonos pacificos e ingenuos, que viam de repente os seus titulos annullados, e terem que escolher entre comprar de novo as suas terras a preço dobrado, ou sahir d'ellas, com as familias e os seus parcos bens, immediatamente. Novos locadores de terras surgiam ás centenas. O paiz era esquadrinhado para «vagas» á ponta do compasso. Centenas de milhares de dollars de magnificas terras foram arrancados aos seus compradores e possuidores innocentes. Começou então uma hegira enorme de colonos expulsos, vagueando em carroças de toldos rôtos, seguindo para parte nenhuma, rogando pragas á injustiça, sem destino, sem lar, sem esperança. Os filhos começavam a olhar muito para elles, a pedir-lhes pão e a chorar.

Era em virtude d'estas condições que Hamilton e Avery tinham requerido a posse de uma tira de terra de cerca de uma milha de largura e trez de comprimento, comprehendendo cerca de dois mil acres, que era o excesso do complemento do registo Elias Denny, de trez leguas, sito sobre o rio Chiquito, em um dos districtos medios do occidente. Diziam elles que estes dois mil acres de terra eram terra vaga, e que impropriamente se consideravam parte do registo Elias Denny. Baseavam esta allegação e o seu requerimento de posse em que os factos mostravam que o limite inicial do registo Denny estava bem identifi-

cado ; que as notas indicavam que depois corria 5.760 varas para oeste, indo depois ter ao rio Chiquito ; que de ahí seguia para o sul, com os meandros, etc. e tal, e que o rio Chiquito era, no proprio terreno, bem uma milha a oeste do ponto attingido pelo curso e medição. Em resumo : havia dois mil acres de terra vaga entre o registo Denny, propriamente dito, e o rio Chiquito.

Num dia torrido de estio o Commissario pediu os documentos relativos a esta nova locação. Trouxeram-lh'os, um maço enorme d'elles que avultava sobre a secretária — notas de campo, declarações, desenhos, depoimentos, provas de campo —, documentos de todas as especies que a astucia e o dinheiro de Hamlin e Avery poderam chamar em seu auxilio.

A firma estava apertando o Commissario para que dêsse uma patente da sua locação. Tinham informações particulares de que em breve seria construída uma nova linha de caminho de ferro que não passaria longe d'essas terras.

A Repartição Geral das Terras estava quietissima quando o Commissario se estava inteirando d'aquella documentação toda. No telhado do velho edificio acastellado ouvia-se o movimento e o arrulhar das pombas. Os empregados mandriavam por toda a parte, nem sequer fingindo merecer os seus vencimentos. Cada som, por pequeno que fosse, echoava oco e alto do chão vazio, de lagedo, das paredes caídas, do tecto com vigas de ferro. O pó de cal, impalpavel, perpetuo, que não assentava nunca, branqueava uma tira de sol que atravessava o resguardo roto da janella.

Parecia que Hamlin e Avery não tinham encaminhado mal as cousas. O registo Denny estava mal definido, até para um periodo em que tudo se definia mal. O seu limite inicial, ou de partida, era identico ao de uma concessão hespanhola antiga, perfeitamente definida, mas no resto a delimitação era vaga até mais não poder ser. As notas de campo não continham objecto algum que ainda existisse, excepto o rio Chiquito, e ahí havia um erro de uma milha. Segundo o precedente, a Repartição poderia com justiça fazer-lhe o complemento em curso e medida, declarando o resto vago, e não um simples excedente.

O colono primitivo estava inundando a repartição de protestos *in re*. Tendo um faro especial para os tubarões de terras, tinha logo percebido que andavam enviados d'elles a cheirar os limites do solo que occupava. Investigou, e soube que o espoliador tinha atacado o seu lar; e então deixou o arado onde estava e lançou mão da penna.



Um dos protestos leu o Commissario duas vezes. Era de uma mulher, de uma viuva, neta do proprio Elias Denny. Contava ella que seu avô tinha vendido a maioria do registo, havia annos, a um preço irrisorio — terra que hoje era um principado em extensão e valia. A sua mãe tinha tambem vendido uma parte, e ella mesma tinha herdado esta porção a oeste, pelo rio Chiquito fóra. Parte d'isto ella tinha tido que vender, para viver, e agora não era dona senão de uns trezentos acres, onde tinha a sua casa. A carta acabava de um modo um tanto triste :

“Tenho oito filhos, o mais velho de quinze annos. Trabalho todo o dia é metade da noite para cultivar a pouca terra que tenho e para poder comprar roupas e livros para os meus filhos. Tambem sou eu que ensino a ler a elles. Os meus visinhos são todos pobres e tambem teem muita familia. A secca dá cabo de tudo de dois em dois, ou de trez em trez annos, e então a gente mal sabe como ha de comer. Ha dez familias aqui nestas terras que os tubarões querem roubar-nos, e todas ellas teem os titulos porque eu lh'os passei. Vendi-os baratos e ainda não estão todos pagos, mas parte está, e se lhes tiram as terras eu morro. O meu avô era um homem de bem, e ajudou a fazer este estado, e ensinou os filhos a serem honrados, e então como é que eu havia de ficar para a gente que me comprou a mim? Senhor Commissario, se o sr. deixa aquelles tubarões tirarem a casa aos meus filhos e aos outros o pouco que elles teem para viver, então quem chamar grande a este estado ou ao seu governo não faz mais do que mentir com quantos dentes tem na bocca”.

O Commissario poz de parte esta carta com um suspiro. Muitas e muitas cartas assim tinha elle recebido. Nunca o haviam ferido, nem alguma vez sentira que lhe eram dirigidas pessoalmente. Não era elle senão o servidor do estado; tinha que guiar-se por suas leis. Mas esta consideração, comtudo, nem sempre, sem que soubesse porquê, conseguia eliminar um certo sentimento de responsabilidade que sobre elle pesava. De todos os funcionarios do estado era elle o supremo na sua repartição, sem excluir o Governador. Seguia, é certo, as linhas geraes das leis sobre as terras; mas tinha uma grande latitude nas decisões sobre casos particulares. Ahi, mais que ás leis, seguia as decisões — as decisões e os precedentes da Repartição. Nas questões novas e complexas, que surgiam pelo desenvolvimento do estado, raras vezes alguém appellava da decisão do Commissario. Até os tribunaes as sustentavam quando ellas eram absolutamente justas.

O Commissario foi até á porta e dirigiu-se a um dos empregados que estava na sala do lado — dirigiu-se-lhe, como sempre, como se fallasse com um principe de sangue :

“Sr. Weldon, quererá fazer-me o favor de pedir ao sr. Ashe, o avaliador das terras, para vir aqui fallar commigo logo que lhe seja possivel?”

Ashe veio depressa da mesa grande onde estava colligindo os seus relatorios.

“Sr. Ashe”, disse o Commissario, “o sr. trabalhou, não é verdade?, pelo rio Chiquito fóra, no Districto de Salado, na sua ultima volta. Tem alguma idéa do registo de trez leguas chamado Elias Denny?”

“Conheço perfeitamente”, respondeu o agrimensor brusco e affavel. “Atravessei-o até quando ia ver o talhão H, que é para o norte d’elle. A estrada vae ao lado do rio Chiquito, pelo valle fóra. O registo Denny tem uma frente de trez milhas para o Chiquito.”

“Allega-se” continuou o Commissario, “que chega só até uma miha do rio.”

O avaliador encolheu os hombros. Era por nascimento e instincto um colono real, e portanto inimigo nato do tubarão de terras.

“Sempre se suppoz que ia até ao rio”, disse seccamente.

“Mas não é esse o ponto que desejo discutir”, disse o Commissario. “Que especie de terras é que são essas do valle que formam parte, vá, do Denny?”

O espirito do colono real brilhou nos olhos de Ashe, e em todo o seu rosto.

“Lindas”, disse com enthusiasmo. “Um valle tão equal como este chão, só com uma pequena ondulação, assim como o mar, e rico a mais não poder ser. Só o matto bastante para abrigar o gado de inverno. Terra preta, muito boa, até seis pés; depois calcareo. Rega-se bem. Ha lá uma duzia de casitas engraçadas, com moinhos e quintaes. A gente é pobresita, creio eu — está longe do mercado — mas parece não se dar mal. Nunca vi tanto meudo na minha vida.”

“O quê? Gado meudo?” perguntou o Commissario.

“Não, não”, riu o agrimensor. “Quero dizer meudos de dois pés; de dois pés, e pernas nuas, e cabelo louro”.

“Ah, creanças! Sim, creanças!” meditou o Commissario, como se tivesse de repente uma nova visão das cousas. “Ha lá muitas creanças”.

“É um logar isolado, sr. Commissario”, disse o agrimensor. “Só teem isso p’ra se entreter.”

“E supponho eu”, continuou o Commissario, devagar, como alguém que tira cuidadosamente conclusões de qualquer theoria nova e estu- penda, “que nem todas serão louras. Não será absurdo, sr. Ashe, creio eu, suppor que ha algumas d’ellas que tenham cabello castanho, ou até preto.”

“Claro: castanho e preto”, disse Ashe. “Ha de tudo: ruivo tambem”.

“Sem duvida”. disse o Commissario. “Bem, muito lhe agradeço as suas informações, sr. Ashe, Não lhe tirarei mais tempo.”

Mais tarde, já muito tarde, appareceram Hamlin e Avery, homens bem-parecidos, amaveis, lentos de movimentos, vestidos de cotim branco e com sapatos baixos. Deixavam por toda a repartição uma atmospherá de prosperidade affavel. Ao atravessar por entre os empregados ficava um rasto de saudações amigas e de charutos dados.

Eram a aristocracia dos tubarões de terras, que se dedicava só a grandes negocios. Cheios de confiança serena em si mesmos, não havia corporação, syndicato, companhia ou procurador geral que fosse grande demais para o affrontarem. O fumo especial dos seus grandes charutos raros pairava nos gabinetes de todas as repartições do estado, em todas as salas de commissões do Congresso, em todos os gabinetes de gerencia dos bancos e em todas as salas de combinação politica da capital do estado. Sempre affaveis, sempre sem pressa, parecendo sempre dispor de tempo infinito, admirava-se a gente de quando é que elles davam atten- ção ás muitas grandes emprezas em que se sabia que estavam mettidos.

De ahí a pouco entraram os dois vagarosamente, e como por acaso, no gabinete do Commissario, e repousadamente se encostaram nas gran- des poltronas de couro. Numa voz arrastada, queixaram-se do tempo que fazia, e Hamlin contou ao Commissario um caso magnifico que aquella manhã tinha ouvido ao Secretario de Estado.

Mas o Commissario sabia porque é que elles alli estavam. Tinha quasi promettido dar nesse dia a decisão relativa ao requerimento d’elles.

O adjuncto trouxe um maço de certidões em duplicado, para o Com- missario assignar. Ao traçar a assignatura larga, “Hollis Summerfield, Comm. Rep. Geral das Terras”, em cada exemplar, o adjuncto, de pé, retirava-o com geito e passava o mata-borrão.

“Reparo”, disse o adjuncto, “que o sr. tem estado a examinar aquelle caso do Districto de Salado. O Kampfer está acabando um mappa novo de Salado, e parece-me que está agora mesmo fazendo essa parte do districto.”

“Vou ver”, disse o Commissario. E de ahi a uns momentos dirigiu-se para a sala dos desenhadores.

Ao entrar viu cinco ou seis desenhadores agrupados em torno da secretaria do Kampfer, gargarejando uns para os outros em allemão guttural, e olhando para qualquer cousa que estava em cima da mesa. Ao ver chegar o Commissario, espalharam-se para os seus logares. Kampfer, um allemão pequenino e mirrado, de cabello louro quasi frisado e olhar liquido, começou a balbuciar qualquer especie de desculpa, relativa, suppoz o Commissario, á congregação dos seus collegas em torno da secretaria.

«Não faz mal», disse o Commissario. «Quero ver o mappa que o senhor está fazendo»; e, dando a volta ao velhote, sentou-se no banco alto de desenho. Kampfer continuou a escangalhar inglez num esforço de explicação.

«Herr Commissário, asseguro pastante que não foi de brobosito, que belas notas tinha que sahir assim. Faz fafor de fer. Das notas do gampo estafa assim, faz fafor de fer: Sul, 10 graus oeste 1.050 faras; sul, 10 graus leste, 300 faras; sul, 100; sul, 9 oeste, 200; sul, 40 graus oeste, 400 — e assim bor teante... Sr. Commissario, nunca eu me lempraria...»

O Commissario ergueu em silencio uma mão muito branca. Kampfer deixou cahir o cachimbo e fugiu.

Com uma mão em cada face e os cotovellos sobre a mesa, o Commissario ficou fitando o mappa que alli estava aberto e preso, ficou fitando o perfil suave e nitido da pequenina Georgia alli perfeitamente delineado — o seu rosto serio, delicado e infantil, alli exposto num contorno exactissimo.

Quando, por fim, applicou seu espirito ao exame de como isso teria acontecido, viu que fôra, como Kampfer dissera, feito sem proposito. O velho desenhador estivera traçando o registo Elias Denny, e o retrato de Georgia, apesar da grande parecença, era formado apenas pelos meandros do rio Chiquito. De resto, o livro de esboços do Kampfer, onde o trabalho preliminar estava feito, mostrava bem o cuidado com que tinha seguido as notas, os signaes claros das pontas do compasso com que medira. Depois, sobre o traço leve, a lapis, que resultara d'esse estudo, o Kampfer tinha traçado a tinta da China, com penna cheia e firme, a semelhança do rio Chiquito, e então desabrochara de repente, mysteriosamente, o perfil suave e triste da creança.

Durante meia hora o Commissario esteve sentado alli, com o rosto entre as mãos, fitando, fitando, e ninguem ousou approximar-se d'elle.

Depois levantou-se e sahiu da sala. Na sala de fóra demorou-se só o tempo bastante para pedir que lhe trouxessem ao gabinete o processo do registo Denny.

Encontrou Hamlin e Avery ainda reclinados nas poltronas, aparentemente esquecidos de negocios. Estavam discutindo, numa conversa indolente, a opera de verão, pois era seu habito — e talvez seu orgulho — parecerem sobrenaturalmente indifferentes sempre que tinham em risco grandes interesses. E neste caso tinham mais a ganhar que muita gente poderia suppor. Tinham informações confidenciaes de que, dentro de um anno, uma nova linha ferrea cortaria este mesmo valle do Chiquito, produzindo uma alta immediata nos valores das terras por onde passasse. Menos que trinta mil dollars de lucro nesta locação — um só dollar a menos —, se conseguissem obtel-a, seria uma desillusão para elles. Porisso, emquanto conversavam de assumptos sem importancia, e esperavam que o Commissario se manifestasse, havia em seus olhos um brilho rapido, obliquo, um desejo de ver claro o seu titulo áquellas boas terras sobre o Chiquito.

Um dos empregados trouxe o processo. O Commissario sentou-se, e escreveu nelle qualquer cousa em tinta encarnada. Depois ergueu-se, e ficou de pé, hirto, olhando para fóra, pela janella. A Repartição das Terras estava no cimo de uma collina alta. Os olhos do Commissario passaram por sobre os telhados de muitas casas, engastados no verde escuro dos arvoredos, cortado tudo por tiras de ruas de um branco que feria a vista. O horizonte, onde parou seu olhar, subia a um alto arborizado, sarapintado de pontos de branco brilhante. Era o cemiterio, onde estavam muitos já de todo esquecidos, e alguns cuja vida não fóra vã. E alli jazia alguém, occupando muito pouco espaço, cujo coração de creança tinha sido grande bastante para desejar, quando ia deixar de bater, o bem dos outros. Os labios do Commissario mexeram-se ao de leve, e murmurou para si: «Foi o seu ultimo desejo, o seu testamento, e eu tanto me tenho esquecido!»

Os charutos grandes e escuros de Hamlin e Avery estavam já apagados, mas elles ainda os conservavam entre os dentes, apertadissimos, emquanto pasmavam da expressão abstracta no rosto do Commissario.

De repente este fallou.

«Meus senhores, acabo de endossar para patente o registo Elias Denny. Esta Repartição indefere o vosso requerimento, e não considera legitima a vossa posse». Parou um momento, e depois, extendendo a mão

como o faziam os bons oradores dos velhos tempos, annunciou o espirito d'aquella decisão que havia de jugular para sempre os tubarões de terras e pôr o sello da paz e da segurança sobre as portas de dez mil lares.

«Esta Repartição faz mais», continuou, com uma expressão luminosa a pairar-lhe na face. «De hoje em diante esta Repartição decidirá que, quando um registo de terras feito sobre certidão passada por este estado aos homens que primeiro as occuparam e cultivaram e as defenderam das tribus selvagens — feito de boa fé, acceite de boa fé, e transmitido de boa fé aos seus filhos e a compradores innocentes —, quando esse registo, ainda que exceda o seu complemento exacto, tenda para um limite natural visivel aos olhos dos homens, até esse limite se terá por feito, e até esse limite será firme e valido. E os pequeninos d'este estado poderão deitar-se de noite socegados, e socegados dormir, sem que a sombra dos usurpadores de titulos possa perturbar o seu somno. Porque», concluiu o Commissario, «d'elles é o Reino dos Céus.»

No silencio, que se seguiu, uma gargalhada subiu da sala das patentes, lá em baixo. O homem que levára o processo Denny estava mostrando a ultima folha a todos os empregados.

«Vejam vocês», dizia elle a rir, «o chefe já não sabe o seu nome. Olhem o que elle escreveu: «Passe-se a patente ao concessionario original»; e depois assignou «Georgia Summerfield, Comm.»

O discurso do Commissario pouca mozza fez a Hamlin e Avery. Sorriam, levantaram-se sem deselegancia, fallaram de cousas de menos monta, e acabaram por affirmar com afinco que já corria algum ar. Accenderam novos charutos, e, despedindo-se affavelmente, desapareceram. Mas mais tarde, appellando, deram novo salto de tigre nos tribunaes. Estes, porém, segundo um relato jornalístico, «assaram-os no espeto», e sustentaram a decisão do Commissario.

E esta decisão se tornou um precedente, e o Colono Real pol-a numa moldura e ensinou os filhos a lel-a, e passou a haver somno tranquillo, de noite, em todos os lares, dos pinheiraes ás arvores do sul e do chaparral até ao rio grande que passa no norte.

Mas creio, e estou certo que o Commissario outra cousa não cria, que, quer o Kampfer fôsse um instrumento exquisito e mirrado do Destino, quer os meandros do Chiquito por acaso ou não formassem aquelle perfil suave e memoravel, realmente resultou «qualquer cousa de bom para uma grande quantidade de creanças», e esse resultado deve chamar-se «a Decisão de Georgia».

# SONETOS

## PALAVRAS DA MUSA

### I

Despreza o mundo externo e não te ausentes  
de tí mesmo. Na hora, sempre escassa,  
em que a febre divina em tí perpassa,  
não pintes o que vês, — canta o que sentes.

Nunca das coisas mortas te alimentes ;  
não peças sonhos á materia baça ;  
procura que o teu sonho d'ella faça  
a serva de caprichos transcendentés . . .

O lírio e o cardo, a vaga e a penedia  
só têm real valor se a fantasia  
em symbolos vibrantes os transforma.

Que nos teus versos, pois, o olhar attento  
veja a fórma a envolver o pensamento  
e nunca o pensamento a encher a fórma.

### II

Mas não basta que sintas o que dizes,  
porque nem tudo quanto sentes ha de  
conter em germe tal vitalidade  
que chegue vivo á mão dos teus juizes.

E' preciso que apenas utilizes  
a idéa humana, quente de verdade,  
que a teus irmãos, por sympathia, agrade,  
e assim os torne menos infelizes . . .

Quem, sendo triste, lê (e acaso existe  
na terra alguém que nunca fôsse triste ?),  
procura um echo fiel de quanto sente.

Que nos teus versos, pois, o olhar tristonho  
ache mudadas em crystaes de sonho  
as lagrimas communs a toda a gente.

III

Mas não basta, seguindo o que te expuz,  
cantar a Dor. - A Dor só tem sentido  
se, noutro mundo, o coração dorido  
vir a sua treva transformada em luz.

Só d'essa fórma em ordem se traduz  
a desordem do mundo corrompido;  
e é por isso que o mínimo gemido  
se explica na palavra de Jesus!

Para além d'esta vida transitoria  
ha outra; e lá, só a virtude é gloria,  
galardoada em nobres e em plebeus.

Que nos teus versos, pois, o olhar errante  
repouse, e apprenda a ver, a cada instante,  
como tudo converge para Deus.

AUTO-EMULAÇÃO

Lá fóra a luz é nevoa diffundida . . .  
E eu, como a nevoa sempre me adormenta,  
releio versos meus, a alma embebida  
numa fosca tristeza somnolenta.

A minha idéa, pallida, abatida,  
de si mesma se ajuda. — Ave cinzenta,  
reune o espolio ganho na investida  
de outros vôos, e d'elle se alimenta.

Leio . . ., leio e irritado contra mim,  
pois reconheço que já fui, assim,  
um outro a quem agora me submetto . . .

Sinto-me inferior a quanto leio;  
e vem-me um ciúme vago, que eu ateio  
para escrever, nervoso, este soneto.



## A LICÇÃO DAS NUVENS

Lentas e majestosas, pela altura  
passam as nuvens; — e nenhuma passa  
sem que o meu pensamento d'ella faça  
qualquer irreal, chimerica figura.

Distingo (a fantasia m'ò assegura)  
monstros, cysnes, dragões, corceis de raça,  
e montanhas que o vento despedaça,  
e palácios de ephemera estructura . . .

Porém as nuvens dizem: «Pobre artista!  
Somos fórmãs sem vida; — a tua vista  
é que nos dá tudo o que em nós adora.

Toma cuidado, espirito imprudente,  
e não faças o mesmo, ingenuamente,  
a tudo quanto encontres vida fóra.»

## TREZ VOZES

### I

#### O PHILANTHROPO

«Neste exílio da terra immensa e escura  
todos somos irmãos; o mesmo córte  
decepa o rico e o pobre, o fraco e o forte,  
aniquilla a ventura e a desventura.

Porém essa egualdade justa e pura  
só se realiza assim, perante a morte,  
e o superfluo, que a muitos cabe em sorte,  
a outros falta emquanto a vida dura.

Mas ha de vir o reino da Equidade!  
De degrau em degrau, a Humanidade  
irá subindo á perfeição mais alta.

E essa ascensão será, em parte, a obra  
de quantos saibam dar do que lhes sobra  
aos infelizes a quem tudo falta.»

II

O REFORMADOR

«Ha de chegar um dia, ó vil Riqueza,  
em que só de pão negro te regales ;  
e tu, Miséria, em paga dos teus males,  
has de ter iguarias sobre a mesa.

Homem, pygmeu gigante em cada empreza,  
que Deus (se existe...) aprenda quanto vales ;  
mostra-lhe tu como se atulham valles  
derrubando as montanhas, de surpresa !

Que a dynamite (a qual sem custo abate  
os ma'is duros penhascos) desbarate  
palácios e choupanas de mixtura !

E d'esse chão sem altos e sem covas  
surgirão, uma a uma, as casas novas,  
todas eguaes, todas da mesma altura.»

III

O MONGE

«Nenhum de vós escuta a sã razão !  
Para abolir a Falta e a Demasia  
*não basta dar esmola, dia a dia,*  
bem que esse gesto nunca seja vão.

Mas é demais derruir, na vã tenção  
de tudo erguer em pura symmetria :  
mortas a Fé e a Lei, que impediria  
o mau de ampliar á força o seu quinhão ?

Cegos ! cegos ! — Só Christo, meu Senhor,  
nos dá normas seguras e vigor  
p'ra sondar esse mal até ao fundo.

Segui-o, pois. — E quando toda a gente  
como eu se torne pobre, — então somente  
é que haverá só ricos neste mundo !»

FRANCISCO COSTA

# O MEU INSTINCTO

PAGINA DA ADOLESCENCIA

---

O meu instincto é uma tarde ardente  
Da minha vida, em flor, de adolescente,  
    Que, á força de vivida,  
Eternamente continúa accesa,  
Embora o sol morresse e a Natureza  
    Ficasse anoitecida!

Uma tarde de Outubro numa aldeia.  
Paizagem de pinhaes, toda ella cheia  
    De vaga lethargia . . .  
A lassidão das horas do sol posto.  
Longe fervia nos lagares o mosto,  
    E eu convalescia!

Tinha aberto a janella que deitava  
Para o caminho estreito que ligava  
    A casa á povoação.  
E, debruçado sobre a Natureza,  
Encantado bebia-lhe a belleza  
    E toda a lassidão!

Magnifica tarde em que a saude  
Vinha ao meu corpo — esplendida virtude  
    Da seiva dos pinhaes!  
Mas se tudo eu sentia e queria, enfim,  
Era a falta de alguem, ao pé de mim,  
    O que eu sentia mais!

Alguem que fosse a minha companhia  
 Na lassidão d'aquelle fim de dia  
     Tão bello e perfumado  
 Que era um martyrio admirar sòsinho. . .  
 — E fitava nas curvas do caminho  
     A serpe do peccado!

Morria o sol, mas eu sentia a vida!  
 Os horizontes davam a medida  
     Da minha anciedade . .  
 Fervia nos lagares, ao longe, o mosto;  
 Queimavam-se volupias no sol-posto  
     Por toda a eternidade!

A solidão pesava-me no peito;  
 Começava a sentir-me contrafeito,  
     Começava a soffrer . . .  
 Quasi me entediava a Natureza,  
 Fitando-a como a unica certeza  
     Que allí podia ter!

Mas a janella continuava aberta  
 E na paizagem languida, deserta,  
     Uma mulher surgiu . . .  
 Tel-a-hia creado o meu aneio?  
 E tudo, á minha volta, ficou cheio  
     Do que o meu ser sentiu!

Só tinha instincto essa mulher, mais nada!  
 Deu a volta a um pinhal, passou á estrada,  
     Desappareceu por fim . . .  
 Mas nessa hora louca de anciedade  
 Era, na terra, um pouco de verdade,  
     E tudo para mim!

Humana flor agreste resumindo  
 Os aromas da terra no ar subindo,  
     Abraçal-a seria

Cingir, num abraço, a Natureza inteira!  
 Seria essa a posse verdadeira  
 D'aquelle fim de dia!

A Natureza fôra uma promessa:  
 A certeza viera... Mas depressa  
 Ao longe se perdeu...  
 — E agora? — reflectia o meu cuidado.  
 Sem fé, porém, de ser recompensado,  
 Erguí o olhar ao ceu!

Mas que podia o céu alto e divino  
 Dar ao meu forte e humano desatino  
 Sem o descontentar?  
 Resistir ás paixões é o mandamento  
 Dos que põem em Deus o pensamento,  
 A fé do seu olhar!

Resistir ás paixões!... E novamente  
 O meu olhar febril de adolescente  
 Baixou á Natureza,  
 A beber a distancia larga e escura  
 Que fôra, para mim, a sepultura  
 D'uma fugaz certeza!

Como se toda a vida me fugisse,  
 Nunca mais eu amasse e possuisse,  
 — O' momento sem par! —  
 Não vendo o brilho da primeira estrella,  
 Desfallecí, exausto, na janella,  
 A chorar, a chorar!

Era o vago de tudo o que eu sentia.  
 Da Natureza nada recebia,  
 Pois promettera em vão...  
 E do Céu? Era cedo para ouvi-lo:  
 — Foge ás paixões se queres viver tranquillo;  
 O mundo é tentação!

Assim fechado em torvo labirinto,  
As lágrimas ardentes do instinto  
    Rolavam-me na face —  
Tão pesadas que os olhos me doiam,  
Tão sinceras que nada esconderiam  
    Se alguém as violasse!

Longos momentos eu allí fiquei,  
A' janella, a chorar, mas abracei  
    A minha humana essencia...  
De martyrio e amparo me serviste,  
O' eterna janella que sentiste  
    A minha adolescencia!

ANTONIO ALVES MARTINS

# PROLOGO E ORAÇÃO SOBRE A MONTANHA

---

Dedicatória :

Ao Homem que ainda queira considerar-se creado á imagem e semelhança de Deus.

α

Deus, quando creou o Mundo, creou tudo o que nelle existe hoje pelo nosso Pensar.

Creou tambem o que ainda não existe hoje pelo nosso Pensar. Tudo isso são outros tantos mundos que Deus creou.

Um dos mundos que Deus creou, o mais perfeito, foi o Homem. Os mundos, que o Homem tem creado dentro do Mundo, já tinham sido creados por Deus. Faltava só o Homem Pensá-LOS...

*E Deus creou Tudo, para que Tudo só fosse Vertigem até ELLE.*

...Redemption,  
Force pure de l'Au-delà,  
Vertige sublime d'Abstraction.  
(Henoch — Le Dernier Testament)

β

Quando Deus creou o Homem, creou tudo o que era preciso ao Homem para tornar-a-sêr o Deus-Origem-Um.

Creou dois caminhos para se chegar até ELLE:

O do Bem

O do Mal

O primeiro, de mais tranquillidade, mais difficil e mais curto.

O segundo, menos tranquillo, mais facil e mais longo.

Esses dois caminhos foram creados para o Homem perceber a Vida.

O Homem foi-se esquecendo de tudo, começando por si proprio.

Christus veio á Terra pela Vontade de Deus, para lembrar ao Homem que NUNCA E' TARDE, e que o seu dever é divinizar-se.

7

Regarde l'Amour avec les yeux de  
l'Esprit! — car jamais aucun mortel ne  
l'a contemplé dans le vaste cercle des  
choses.

(Empédocle)

Deus creou, com o Homem, a maior intelligencia para lutar com a Carne do Homem, e para assim perceber a Vida. Deus creou a luta entre ellas: a essa luta chama-se Vida. A Vida *deve ser* o Esforço-Vertigem até Deus-em-Si, Deus-em-Tudo.

O sêr vivo que mais isto esqueceu foi o Homem.

Deixou-se esquecer de si-proprio, e assim esqueceu Deus-em-Si.

Deixou-se esquecer por lhe parecer mais cómodo, e a Carne triumphou.

*Elle mais tarde verá terrificamente o que perdeu,*

8

Dominant l'Harmonie du monde,  
il est devenu son esclave.

(Hermès Trismégiste)

Deus creou tudo em Harmonia.

A Harmonia é uma força. O Homem não deve lutar contra ella, mas sim lutar contra si-proprio, para ella.

Para lutar contra ella era preciso que o Homem não fosse Homem.

*Deus nunca perdôa aos que lutam contra a Harmonia das Coisas, e que não são só Vertigem até ELLE.*

A Vertigem pode ser consciente ou inconsciente.

O Homem rude do campo, que vive em força-de-Harmonia com a Natureza, é Vertigem... como as Arvores...

## HOMEM!

Para que creaste tanta coisa que te afasta de tí-proprio, se Deus já tinha creado em-ti, tudo o que te era preciso?

Para que abusas do direito da intelligencia, creando tanta coisa que só te dispersa?

A intelligencia mal dirigida deixa de ser intelligencia com I grande. *Ella ordena-te a experiencia.* Abandonas a *intuição*, essa *vox Dei*, e a *experiencia*, sem ser fortemente alliada á *intuição*, mata-te, estropia-te mesmo sem tu queres.

A Ti e aos teus irmãos-Homens que creram em Ti e na tua palavra vazia -de-Deus.

Pensar é crear. E' crear o que já está creado.

Cada pensamento é um novo phantasma que te acompanhará sempre, vertigicamente, com as suas garras fincadas no teu cerebro, para o destruir, ou puzando-o para a Vida-Materia ou para a Morte-Libertação!



Não abuses do direito de crear. Cria-TE primeiro forte para abraçares a tua Obra.

Creaste toda a hyper-civilização, como coisa exterior-a-Ti, como não fazendo parte d'ella, e quando contempas a tua Obra, estremeces, e sentes te sem forças para a abraçar!

A's vezes até foges d'ella para perto da arvore e do campo, e quando chegas diante d'um Homem rude e acephalo (como a Arvore) que SO' creou Homens, sentes-te mesquinho e fraco, mesmo se momentos antes acabaste de inventar um novo typo de aeroplano. Um pedaço de vidro ao Sol chega a parecer um brilhante que não é. . .

Creaste, pois, com a intelligencia-pensamento, coisas que te não eram ainda precisas, se te-soubesses bem. Não te chegavas a ti-proprio? Procura-te bem. Dá muitas voltas dentro de ti-proprio, e encontrarás lá tudo e encontrarás lá Deus.

*O que tu creaste a mais do que devias ter creado, um dia o sentirás terrificamente a puxar-te para a Terra para te esmagar. E és tu que te esmagas de encontro ao que creaste.*

### TU SO' ÉS O CULPADO!

Não culpes ninguem de não teres sabido ser harmonico com a Natureza, de não teres sabido ser *natural* e saber esperar como as Arvores. . .

Deus creou-te cinco sentidos para perceberes a Vida, e a Vida para Te perceberes para perceberes Deus-em-Ti. Aguça pois os teus sentidos e descobrir-te-has entre a multidão.

A's vezes julgas te alguém que está na multidão, e que ainda não és tu, e ficas todo vaidoso.

E essa propria vaidade é que mostra que ainda não és tu, e faz rir as boccas.

Quando te descobrires verdadeiramente é quando tu não fores vaidoso de julgar que te descobriste. Se te não chegar esta vida para te encontrares, *fica para outra vez*, e fica para outra vez tantas vezes até enfim te encontrares, pois a Bondade de Deus é Infinita. A Bondade nem mesmo pode ser concebida fora da idea de Divindade.

Tens a Vida toda para lutar. Sê forte para essa lucta. Se te falta alguma coisa para ser forte, essa coisa procura-a em-Ti, e lá a encontrarás. Se a não encontrares é porque não soubeste procurar, e portanto não culpes mais ninguem.

Custa te a lutar emquanto tens forças para vencer? Olha que a lucta virá implacavel e já então não terás força nenhuma, e fica para outra vez. A força que tu perdeste têl-a-hão ganho os que com ella te vencerão.

O Iniciado disse-te: Levanta te e caminha.

Já te esqueceste? O caminho é Deus. Julgas que és alguma coisa não caminhando?

Não percas muito tempo a olhar para traz.

Não percas muito tempo a olhar o caminho já andado.

Se vaes a andar e a olhar para traz, cahes com toda a certeza por não veres o caminho.

Todos os seres que desprezares ao longo do caminho serão forças para te vencer. Podiam ser todas tuas.

Faltava só o teu *querer* para serem todas tuas, e tu desprezaste-as, desprezando-TE.

Não desprezes, ama.

Não desprezes o Instincto. Trál-o sempre contigo como trazes os buracos dos olhos a fingir olhos.

*Nunca deixes o Instincto só.*

Para que te servem os olhos da cara, e os olhos da intelligência por-de-traz dos olhos da cara?

Os olhos da cara dizes tu que te servem para vêr, mas tu dizes que não te sentes feliz, e quem vê é feliz.

Convence-te que ainda não viste nada.

*E' tão bom Vêr!*

E' tão bom têr duvida sobre o que se vê. A duvida mesmo é que faz vêr.

E' tão bom dar cores a todas as coisas, e nome a todas as coisas para que as possamos distinguir umas das outras!

Sê só as coisas que são felizes para Ti.

Cada vez descobrirás mais coisas felizes para Ti. Essas coisas felizes para ti são a Tua existencia feliz. No fim acabarás por descobrir o *logar* que cada coisa occupa na tua existencia, porque a existencia de todas as coisas és Tu-em-Deus, Deus-em-Ti.

Lucta pois contigo proprio para te approximares de ti-proprio e assim te approximarás de Deus.

A melhor Obra de Deus foi o Homem. Amando a melhor Obra de Deus amarás Deus.

A Humanidade é toda Deus. E' Deus pensado por cada um de nós. A Humanidade és tu tambem.

Tu pensaste a tua Humanidade como Deus te creou a Ti.

Se queres portanto melhorar a Humanidade, começa por te melhoraes a ti-proprio e essa será a tua acção mais efficaz para melhorar a Humanidade que creaste, a tua maior Obra...

E assim E', pela vontade de Deus nos Homens.

Laus Deo

AVISO — Se a Vossa intuição e «experiencia da vida», não confirmam em-Vós o que eu digo, não me acrediteis, e procuraes em que acreditar, como eu procurei e procuro até ao Fim.

ALBERTO DE HUTRA

# ESCOLHA DE POEMAS DE ALBERTO CAEIRO

(1889-1915)

---

## DOS «POEMAS INCONJUNCTOS»

(1913-1915)

Não basta abrir a janella  
Para ver os campos e o rio.  
Não é bastante não ser cego  
Para ver as arvores e as flores.  
É preciso também não ter philosophia nenhuma.  
Com philosophia não ha arvores : ha idéas apenas.  
Ha só cada um de nós, como uma cave.  
Ha só uma janella fechada, e todo o mundo lá fóra ;  
E um sonho do que se poderia ver se a janella se abrisse,  
Que nunca é o que se vê quando se abre a janella.

\*

Fallas de civilização, e de não dever ser,  
Ou de não dever ser assim.  
Dizes que todos soffrem, ou a maioria de todos,  
Com as cousas humanas postas d'esta maneira.  
Dizes que se fossem diferentes, soffreriam menos.  
Dizes que se fossem como tu queres, seria melhor.  
Escuto sem te ouvir.  
Para que te queres eu ouvir ?  
Ouvindo-te nada ficaria sabendo.  
Se as cousas fossem diferentes, seriam diferentes : eis tudo.  
Se as cousas fossem como tu queres, seriam só como tu queres.  
Ai de ti e de todos que levam a vida  
A querer inventar a machina de fazer felicidade !

\*

Entre o que vejo de um campo e o que vejo de outro campo  
Passa um momento uma figura de homem.  
Os seus passos vão com «elle» na mesma realidade,  
Mas eu reparo para elle e para elles, e são duas cousas :  
O «homem» vae andando com as suas idéas, falso e estrangeiro,

E os passos vão com o systema antigo que faz pernas andar,  
 Olho-o de longe sem opinião nenhuma.  
 Que perfeito que é nelle o que elle é — o seu corpo,  
 A sua verdadeira realidade que não tem desejos nem esperanças,  
 Mas musculos e a maneira certa e impessoal de os usar.

\*

Creança desconhecida e suja brincando á minha porta,  
 Não te pergunto se me trazes um recado dos symbolos.  
 Acho-te graça por nunca te ter visto antes,  
 E naturalmente se podesses estar limpa eras outra creança,  
 Nem aqui vinhas.  
 Brinca na poeira, brinca !  
 Apprecio a tua presença só com os olhos.  
 Vale mais a pena ver uma cousa sempre pela primeira vez que conhecel-a,  
 Porque conhecer é como nunca ter visto pela primeira vez,  
 E nunca ter visto pela primeira vez é só ter ouvido contar.

O modo como esta creança está suja é diferente do modo como as outras estão sujas.  
 Brinca ! Pegando numa pedra que te cabe na mão,  
 Sabes que te cabe na mão.  
 Qual é a philosophia que chega a uma certeza maior ?  
 Nenhuma, e nenhuma pode vir brincar nunca á minha porta.

\*

Verdade, mentira, certeza, incerteza . . .  
 Aquelle cego alli na estrada tambem conhece estas palavras.  
 Estou sentado num degrau alto e tenho as mãos apertadas  
 Sobre o mais alto dos joelhos cruzados.  
 Bem : verdade, mentira, certeza, incerteza o que são ?  
 O cego pára na estrada,  
 Desliguei as mãos de cima do joelho.  
 Verdade, mentira, certeza, incerteza são as mesmas ?  
 Qualquer cousa mudou numa parte da realidade — os meus joelhos e as minhas mãos.  
 Qual é a sciencia que tem conhecimento para isto ?  
 O cego continúa o seu caminho e eu não faço mais gestos.  
 Já não é a mesma hora, nem a mesma gente, nem nada igual.  
 Ser real é isto.

\*

Uma gargalhada de rapariga soa do ar da estrada.  
 Riu do que disse quem não vejo.

Lembro-me já que ouvi.

Mas se me fallarem agora de uma gargalhada de rapariga da estrada,  
Direi : não, os montes, as terras ao sol, o sol, a casa aqui,  
E eu que só oiço o ruído calado do sangue que ha na minha vida dos dois lados da cabeça.

\*

Noite de S. João para além do muro do meu quintal.  
Do lado de cá, eu sem noite de S. João.  
Porque ha S. João onde o festejam.  
Para mim ha uma sombra de luz de fogueiras na noite,  
Um ruído de gargalhadas, os baques dos saltos.  
E um grito casual de quem não sabe que eu existo.

\*

Hontem o pregador de verdades d'elle  
Fallou outra vez commigo.  
Fallou do soffrimento das classes que trabalham  
(Não do das pessoas que soffrem, que é afinal quem soffre).  
Fallou da injustiça de uns terem dinheiro,  
E de outros terem fome, que não sei se é fome de comer,  
Ou se é só fome da sobremesa alheia.  
Fallou de tudo quanto pudesse fazel-o zangar-se.

Que feliz deve ser quem pode pensar na infelicidade dos outros !  
Que estúpido se não sabe que a infelicidade dos outros é d'elles,  
E não se cura de fóra,  
Porque soffrer não é ter falta de tinta  
Ou o caixote não ter aros de ferro !

Haver injustiça é como haver morte.  
Eu nunca daria um passo para alterar  
Aquillo a que chamam a injustiça do mundo.  
Mil passos que desse para isso  
Eram só mil passos.  
Acceito a injustiça como acceito uma pedra não ser redonda,  
E um sobreiro não ter nascido pinheiro ou carvalho.

Cortei a laranja em duas, e as duas partes não podiam ficar eguaes  
Para qual fui injusto — eu, que as vou comer a ambas ?

\*

Tu, mystico, vês uma significação em todas as cousas.

Para ti tudo tem um sentido velado.  
 Ha uma cousa occulta em cada cousa que vês.  
 O que vês, vel-o sempre para veres outra cousa.

Para mim, graças a ter olhos só para ver,  
 Eu vejo ausencia de significação em todas as cousas ;  
 Vejo-o e amo-me, porque ser uma cousa é não significar nada.  
 Ser uma cousa é não ser susceptível de interpretação.

\*

Pastor do monte, tão longe de mim com as tuas ovelhas —  
 Que felicidade é essa que pareces ter — a tua ou a minha?  
 A paz que sinto quando te vejo, pertence-me, ou pertence-te?  
 Não, nem a ti nem a mim, pastor.  
 Pertence só á felicidade e á paz.  
 Nem tu a tens, porque não sabes que a tens.  
 Nem eu a tenho, porque sei que a tenho.  
 Ella é ella só, e cahe sobre nós como o sol,  
 Que te bate nas costas e te aquece, e tu pensas noutra cousa indifferentemente,  
 E me bate na cara e me offusca, e eu só penso no sol.

\*

Dizes-me: tu és mais alguma cousa  
 Que uma pedra ou uma planta.  
 Dizes-me: sentes; pensas e sabes  
 Que pensas e sentes.  
 Então as pedras escrevem versos?  
 Então as plantas teem idéas sobre o mundo?

Sim: ha differença.  
 Mas não é a differença que encontras ;  
 Porque o ter consciencia não me obriga a ter theorias sobre as cousas :  
 Só me obriga a ser consciente.

Se sou mais que uma pedra ou uma planta? Não sei.  
 Sou differente. Não sei o que é mais ou menos.

Ter consciencia é mais que ter côr?  
 Pode ser e pode não ser.  
 Sei que é differente apenas.  
 Ninguém pode provar que é mais que só differente.

Sei que a pedra é a real, é que a planta existe.

Sei isto porque ellas existem.  
 Sei isto porque os meus sentidos m'o mostram.  
 Sei que sou real tambem.  
 Sei isto porque os meus sentidos m'o mostram,  
 Embora com menos clareza que me mostram a pedra e a planta.  
 Não sei mais nada.

Sim, escrevo versos, e a pedra não escreve versos.  
 Sim, faço idéas sobre o mundo, e a planta nenhuma.  
 Mas é que as pedras não são poetas, são pedras ;  
 E as plantas são plantas só, e não pensadores.  
 Tanto posso dizer que sou superior a ellas por isto,  
 Como que sou inferior.  
 Mas não digo isso : digo da pedra, «é uma pedra»,  
 Digo da planta, «é uma planta»,  
 Digo de mim, «sou eu».  
 E não digo mais nada. Que mais ha a dizer ?

\*

A espantosa realidade das coisas  
 É a minha descoberta de todos os dias.  
 Cada coisa é o que é,  
 E é difficil explicar a alguém quanto isso me alegra,  
 E quanto isso me basta.

Basta existir para sè ser completo.

Tenho escripto bastantes poemas.  
 Hei de escrever muitos mais, naturalmente.  
 Cada poema meu diz isto,  
 E todos os meus poemas são differentes,  
 Porque cada coisa que ha é uma maneira de dizer isto.

A's vezes ponho-me a olhar para uma pedra.  
 Não me ponho a pensar se ella sente.  
 Não me perco a chamar-lhe minha irmã.  
 Mas gosto d'ella por ella ser uma pedra,  
 Gosto d'ella porque ella não sente nada,  
 Gosto d'ella porque ella não tem parentesco nenhum commigo.

Outras vezes oiço passar o vento,  
 E acho que só para ouvir passar o vento vale a pena ter nascido.

Eu não sei o que é que os outros pensarão lendo isto ;  
 Mas acho que isto deve estar bem porque o penso sem esforço,



Nem ideia de outras pessoas a ouvir-me pensar ;  
 Porque o penso sem pensamentos,  
 Porque o digo como as minhas palavras o dizem.

Uma vez chamaram-me poeta materialista,  
 E eu admirei-me, porque não julgava  
 Que se me pudesse chamar qualquer coisa.  
 Eu nem sequer sou poeta : vejo.  
 Se o que escrevo tem valor, não sou eu que o tenho :  
 O valor está alli, nos seus versos.  
 Tudo isso é absolutamente independente da minha vontade.

\*

Quando tornar a vir a primavera  
 Talvez já não me encontre no mundo.  
 Gostava agora de poder julgar que a primavera é gente  
 Para poder suppor que ella choraria,  
 Vendo que perdera o seu unico amigo.  
 Mas a primavera nem sequer é uma coisa :  
 É uma maneira de dizer.  
 Nem mesmo as flores tornam, ou as folhas verdes.  
 Ha novas flores, novas folhas verdes.  
 Ha outros dias suaves.  
 Nada torna, nada se repete, porque tudo é real.

\*

Se eu morrer novo,  
 Sem poder publicar livro nenhum,  
 Sem ver a cara que teem os meus versos em letra impressa,  
 Peço que, se se quizerem ralar por minha causa,  
 Que não se ralem.  
 Se assim aconteceu, assim está certo.

Mesmo que os meus versos nunca sejam impressos,  
 Elles lá terão a sua belleza, se forem bellos.  
 Mas elles não podem ser bellos e ficar por imprimir,  
 Porque as raizes podem estar debaixo da terra  
 Mas as flores florescem ao ar livre e á vista.  
 Tem que ser assim por força. Nada o pode inpedir.

Se eu morrer muito novo, oiçam isto :  
 Nunca fui senão uma creança que brincava.  
 Fui gentio como o sol e a agua,



De uma religião universal que só os homens não teem,  
 Fui feliz porque não pedi coisa nenhuma,  
 Nem procurei achar nada,  
 Nem achei que houvesse mais explicação  
 Que a palavra explicação não ter sentido nenhum.

Não desejei senão estar ao sol ou á chuva —  
 Ao sol quando havia sol  
 E á chuva quando estava chovendo  
 (E nunca a outra coisa),  
 Sentir calor e frio e vento,  
 E não ir mais longe.

Uma vez amei, julguei que me amariam,  
 Mas não fui amado.  
 Não fui amado pela unica grande razão —  
 Porque não tinha que ser.

Consolei-me voltando ao sol e á chuva,  
 E sentando-me outra vez á porta de casa.  
 Os campos, afinal, não são tam verdes para que os que são amados  
 Como para os que o não são.  
 Sentir é estar distrahido.

★

Quando vier a primavera,  
 Se eu já estiver morto.  
 As flores florirão da mesma maneira  
 E as arvores não serão menos verdes que na primavera passada.  
 A realidade não precisa de mim.

Sinto uma alegria enorme  
 Ao pensar que a minha morte não tem importancia nenhuma.

Se soubesse que amanhã morria  
 E a primavera era depois de manhã,  
 Morreria contente, porque ella era depois de manhã.  
 Se esse é o seu tempo, quando havia ella de vir senão no seu tempo?  
 Gosto que tudo seja real e que tudo esteja certo ;  
 E gosto porque assim seria, mesmo que eu não gostasse.  
 Porisso, se morrer agora, morro contente,  
 Porque tudo é real e tudo está certo.

Podem rezar latim sobre o meu caixão, se quiserem.

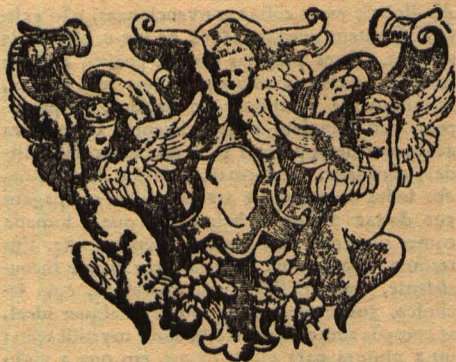
Se quizerem, podem dançar e cantar á roda d'elle.  
Não tenho preferencias para quando já não puder ter preferencias.  
O que fôr, quando fôr, é que será o que é.

\*

Se, depois de eu morrer, quizerem escrever a minha biographia,  
Não ha nada mais simples.  
Tem só duas datas — a da minha nascença e a da minha morte.  
Entre uma e outra cousa todos os dias são meus.

Sou facil de definir.  
Vi como um damnado.  
Amei as coisas sem sentimentalidade nenhuma.  
Nunca tive um desejo que não pudesse realizar, porque nunca ceguei.  
Mesmo ouvir nunca foi para mim senão um acompanhamento de ver.  
Compreendi que as coisas são reaes e todas differentes umas das outras ;  
Compreendi isto com os olhos, nunca com o pensamento.  
Compreender isto com o pensamento seria achal-as todas eguaes.

Um dia deu-me o somno como a qualquer creança.  
Fechei os olhos e dormi.  
Além d'isso, fui o unico poeta da Natureza.



## GRAVURAS DE FRANCISCO BARTOLOZZI. (1728-1813).

Para os nossos colleccionadores de arte, Bartolozzi é hoje quasi um nome portuguez. Por certo, raros de entre elles se lembrarão que o celebre gravador, discipulo do veneziano Wagner, nasceu em Florença, em pleno século XVIII, e que a sua obra, antes de vir para Portugal, era já consagrada não só na Itália, como em Inglaterra. Comtudo, particularmente neste ultimo paiz, onde, perto de Londres, um tempo se fixou, o seu engenho conseguiu impor-se num numero consideravel de *aguas-fortes* e gravuras de madeira, que ainda hoje alli são bastante procuradas.

Devemos, porem, convir que effectivamente a mais extraordinaria phase da carreira artistica de Francisco Bartolozzi é constituída pelos seus sete annos de Portugal, que deveriam ser os derradeiros da vida do artista, pois que em Lisboa se finou no dia 1 de Abril de 1813. A sua producção nesse curto periodo, esmaltada de bellissimos trechos, nos quaes a pureza do desenho e a segurança de execucao attingem, por vezes, alta classe, é tanto mais surprehendente,

quanto se considera que ao acceder ao convite de D. João VI para aqui se estabelecer, contava o artista setenta e seis annos de idade.

As suas gravuras de madeira e a agua-forte, interpretando as obras dos grandes mestres italianos e inglezes, estão, ao que parece, gosando entre nós uma grande voga. Essas paysagens, a um tempo, graves e paradisíacas, illuminadas de suavidade, e onde as massas de arvoredo, os velhos castellos e aldeias, as proprias figuras, ligeiras e gracís, como que nos fazem sonhar outras edades, estão sendo avidamente desejadas na decoraçao dos interiores portuguezes, especialmente em Lisboa. Porisso a gravura que ATHENA hoje reproduz, quasi desconhecida, e da melhor *maneira* do artista, porá certamente nestas paginas uma nota vibrante de actualidade.

## A PINTURA REALISTA E O "VIRTUOSISMO". (A PROPOSITO DE ALGUNS QUADROS DE MAMIA ROQUE GAMEIRO.) POR M. V.

Um paysagista norte-americano do século passado, Homer Martin, dizia um dia deante d'um quadro do seu tempo: «eis um bello exemplo de subordinaçao das coisas ficticias ás coisas reaes.» Dizendo isto, inconscientemente apontava elle a qualidade distinctiva de toda a *escola*, ou, antes, de toda a epoca de arte que era a sua.

Com effeito, tanto quanto é licito fazê-lo concisamente, a pintura (a de paysagem como a de *genero*), nas ultimas decadas do século XIX, póde definir-se por esta palavra: *eliminaçao*. A destrinça entre o *assumpto* principal do quadro e a parte accessoria, era tão cuidadosamente realizada e assumia quasi tanta importancia como a propria gradaçao dos planos perspectivicos ou de *claro-escuro*, que então constituía, não ha negá-lo, a mais absorbente preoccupaçao do pintor. A expressao pictorica tendia sempre a um fim unico, quer dizer, procurando expressar-se deter-

mínado *trecho*, scena, ou *motivo* anedoctico, previamente escolhido, ao mesmo tempo, e como consequencia, abandonava-se, quando se não supprímia, tudo que directamente o não substituisse.

Ao contrario do que tantas vezes tem sido dito, o chamado *realismo*, ou, pelo menos, os mais representativos dos pintores *realistas*, não comprehendem nem admittem a minucia. Dispondo-se a interpretar um *trecho* da natureza, o primeiro cuidado do pintor é *eliminar* do campo da sua visão aquillo que arbitrariamente elle considera detalhe inútil e prejudicial, *coisa ficticia*. Assim, não era raro, ainda ha poucos annos, ouvir um pintor lamentar-se de *ver de mais*, isto é, de lhe ser custoso esse trabalho de *eliminação*, que bem poderia classificar-se de *contra-natura*, porquanto importava mutilar o proprio poder de visionabilidade, sentido fundamental do pintor.

Entretanto, se o chamado *realismo* em pintura, não admittie a minucia, isso o não impede de severamente condemnar as tendencias *syntheticas* que começam agora a fixar-se e a tomar corpo na pintura moderna ou *modernista*, como é de uso chamar-se-lhe aqui.

Que se eliminem detalhes e se abandonem pormenores, afim de valorisar o *motivo* central do quadro — entende-se. Que (para empregar o termo caro aos adeptos da doutrina) se pinte com *largueza*, é excellente. Mas que, com intuitos *syntheticos*, a pintura enverede pelo caminho da deformação, desprezando a visão normal, quer dizer, *commum* — eis o que o verdadeiro *realista* considera uma falta de fidelidade á natureza, inspiração e modelo de toda a arte.

A pintura poderá ser mais ou menos *summaria*; convem mesmo que o seja. Porem *synthetica*, não; porque, nesse caso, deixaria de ser *realista*.

Esta é, julgo que concreta e desapaixadamente exposta, a doutrina esthetica do *realismo* em pintura.

Vejam os, porém, os fructos d'esta doutrina, isto é, as consequencias immediatas da sua realização plastica.

Eliminados, até certo ponto, o detalhe e o pormenor; abolida a minucia, que foi sempre, na pintura de todos os tempos, uma clara manifestação de sinceridade — a *copia* conscienciosa e imparcial da natureza insensivelmente cede o logar a uma *especie* de jogo simultaneo de realces e suppressões, a uma *procura* exclusiva de efeitos, da qual o rigor, a solidez do desenho só poderá sahir sacrificada. A pureza dos contornos é grosseira e propositalmente esquecida.

As linhas, essas coisas convencionaes, não existem. Existem apenas planos de luz e planos de sombra. Esses proprios planos, porém, a breve *trecho*, tornam-se esfumados nos seus limites, infinitamente esbatidos, amolecidos, até perderem por completo o seu desenho. Da pintura acaba por desaparecer tudo que é recorte, nitidez, claridade. As formas, puidos e *almofadados* todos os angulos e arestas, quasi se apagam por detraz d'uma nebulosidade que é tomada como suprema harmonia e suprema arte. Em resumo, cria-se uma pintura esporadica e inconsistente, sem tradição nem finalidade, cuja technica, substituindo-se a todo e qualquer ideal, se compõe somente de habilidade e mystificação; uma pintura para *quasi cegos*, em que a visão do observador é violentada pelo artista, obscurecida, reduzida ao mínimo, e onde apenas se adivinha, como que por entre sonhos, atravez de farrapos de nuvens, farrapos de coisas e de seres.

Ora d'isto, que não é já *realismo*, mas que, sem duvida, representa o *virtuosismo* pictural dos fins do seculo XIX — ainda se encontram vestigios em Portugal. Ainda hoje subsiste aqui, arreigado, o gosto facilmente vulgar d'essa pintura *somnambula*, d'essa *arte-mysterio*, verdadeiro pesadelo, do qual só agora, começamos, lentamente, a despertar.

A voga entusiastica que ha pouco achavam entre nós, certos *retratos* a carvão, d'um *maneirismo* fluído, quasi gazoso, em que as *physionomias* nos surgem como aparições, a um tempo, moles e pesadas, semelhando combinações pueris de rolos de fumo, alternadamente negros e cinzentos — constitue prova definitiva da *degenerescencia* da visão e do gosto.

Mas esta forma especial do *virtuosismo*, jubilosamente acolhida pelo publico, não se conteve adentro da pintura; e, assim, em dado momento, imitando o aspect o nebuloso e espectral de taes *carbões*, surde dos *ateliers* dos photographos uma especie nova de photographia, em que tudo, por igual, é vago e impreciso. De facto, a semelhança é flagrante. Nada mais preciso com esses desenhos esfumados, do que um *cliché* photographico, cuja imagem não tenha sido devidamente focada pela objectiva. E a essa photographia, desprovida da sua condição primaria de nitidez, e, portanto, technicamente errada, passou a chamar-se *artistica*, como se a arte que possa porventura existir numa photographia, não consistisse unicamente em *ella ser bem feita*!

Entretanto, a anomalia não se observa apenas no desenho. Alliada ao culto da *meia-tinta* e da *meia-sombra*, professa o pintor *virtuoso* a idolatria dos tons neutros. As chamadas cores primarias não cabem nesta pintura, senão

como elementos de composição. E mesmo á nota clara de coloração, *prefere-se*, em geral, um colorido grave, triste e sujo. Com a sua technica complicadíssima, somente visando effeitos ephemeros e superficiaes, o *virtuosismo* levou ao infinito, na mistura rebuscada das tintas, a alchimia da paleta. E se com as suas *sombras* supprimiu a luz, do mesmo passo, com as suas *nuances*, apagou a côr.

E' evidente que uma pintura assim concebida e realisada se colloca, por si só, á margem da arte de todos os tempos. Na verdade, o pintor *virtuose* só sente e admira a sua propria pintura. Em face d'um quadro d'outro tempo, seja um *primitivo*, um Tiziano, ou um Veroneze, seja um Rubens ou um Grecco—tudo nelle o choca e afflige. Ao nobre desenho vincado das faces, como ao detalhe laborioso dos paineis quatrocentistas, chamará, arripiado, *minucias e durezas*: a *allégresse* de colorido do flamengo ou dos italianos fál-o-ha recuar, temeroso e pudibundo, como frente a uma festa orgiaca e peccaminosa; quanto ao recorte tragico e anguloso da arte d'um Grecco, aos seus *verdes* violentos e admiraveis, serão por elle desde logo fulminados, como *cruezas* de paleta.

Numa palavra, deante da arte do passado, exactamente como deante dos quadros modernos, o *virtuose* está condemnado a não perceber nada.

E, enquanto isto, a propria natureza só a defrontará com a mão cuidadosamente posta em pála sobre os olhos, ou com elles semi-cerrados, afim de não ser offuscado e, sobretudo, para não *ver de mais*.

E' curioso constatar que foi este mesmo medo do deslumbramento, este horror ao recorte e á côr, que em França impulsionou a campanha *anti-impresionista*.

Era tambem em *cruezas e durezas*, era em *escandalo e orgia* que em Paris se fallava, ahi por alturas de 1860, após o apparecimento das telas claras de Manet e de Degas. E quando o chefe dos *impresionistas* confessava que o que de pintura sabia, o apprendera em Velasquez e Franz Hals, chamavam-lhe *doido* e não o comprehendiam. Com effeito, para tanto seria preciso não só conhecer e admirar Velasquez e Franz Hals, como, ainda, comprehender a propria pintura. Seria preciso *sentir* que a arte não é o *mysterio*, mas, pelo contrario, a *revelação*; e que o que vagamente e por instincto se apercebe olhando a natureza, deve a pintura realisá-lo emocionalmente, com uma clareza perfeita de visão e uma intensidade absoluta de discernimento.

Mas para que hei de insistir? Não quero

enunciar principios nem estabelecer doutrina. O meu papel, que é, ao mesmo tempo, o meu prazer, *reduz-se* a analysar a realisação e os resultados de doutrina e principios estheticos estabelecidos por outros que não eu. E particularmente neste caso, apenas me propuz demonstrar que o chamado *virtuosismo*, provindo embora da escola *realista*, e baseando-se apparentemente na mesma doutrina, não é mais, afinal, do que a sua cabal e inteira negação; ponto este, no qual ainda se prolonga a analogia com o episodio paradoxal do velho academicismo francez combater convictamente o movimento de regresso ás verdadeiras tradições da pintura, que foi, em ultima analyse, o que representou o *impresionismo* de Manet e seus camaradas.

Entretanto, em Portugal, essa pintura de artificio, sem significação nem consistencia, absorveu por completo, a atenção e o applauso d'um publico ignaro que, não frequentando museus, não escutando conferencias, e em absoluto privado de revistas e livros de arte, facilmente se deixa perverter na visão, no gosto e no verdadeiro sentido da pintura.

Deve porém reconhecer-se que essa ignorancia não é apanagio exclusivo do publico. Nos proprios pintores *virtuosos* igualmente ella se observa. Como já atraz fiz notar, quem professa ou admira essa arte falsa, implicitamente se incapacita de *sentir* mais nenhuma outra. Com effeito, é proverbial nessa classe de pintores, a indifferença por tudo que diz respeito á pintura europeia, antiga e moderna. A um d'elles lembro-me eu de ter ouvido dizer, ha uma boa dezena de annos, no regresso de uma larga viagem pelos grandes centros artisticos da Europa, que lá fóra se não pintava melhor que em Portugal, *mas antes pelo contrario*. E' evidente que dizendo isto, elle se referia apenas a *uma pintura*, a unica que lhe era *sympathica*.

O mais curioso porem, é que esse espirito de restricção que o *virtuosismo* soube transmittir a um publico miseravel de ideias e de sensações, é com severidade applicado até aos proprios artistas da epoca *realista*, que possuindo temperamento e individualidade artistica propria, não se entregam ás habilidades manipuladas segundo o *receituário commum*.

E' este, entre entre outros, o caso de Roque Gameiro, ha muito classificado, desdenhosamente, de pintor *minucioso*.

Todavia, se alguma vez com propriedade se pôde applicar em arte a designação de *realista*, é por certo á obra do mestre que, tendo sido, por um lado, o activo impulsionador da arte da *aguarella* em Portugal, por outro lado, no campo da illustração do livro, pelo estudo erudito da in-

dumentaria e do scenario historico, vem realisa-  
 da, com rigor e com consciencia, uma tarefa  
 unica de annotação artistica.

Adentro dos severos e, sem duvida, discuti-  
 veis principios da interpretação *realista*, e  
 á parte o que de evocador, por vezes, se observa  
 nessa obra, Roque Gameiro conserva-se, como  
 raros, fiel ás suas tendencias artisticas e á sua  
 visão, quer dizer, fiel a si proprio, pintor sincero  
 e honesto, a quem os *trucs* e *ficelles* repugnam  
 como indignidades e inferioridades, que, de facto,  
 são.

Mas é exactamente em virtude d'essa arte  
 sincera e proba que na sua officina largamente  
 arejada e iluminada se tem formado artistas  
 independentes que do mestre herdaram, em  
 vez d'um estreito, limitado formulario tecnico, os  
 fundamentos d'um desenho solido e significativo.

De entre os seus discipulos, sua filha Mamia  
 Roque Gameiro, representa, sem duvida, um  
 exemplo bem typico de independencia e pessoa-  
 lismo. Sem ao de leve roçar pela extravagancia,  
 a sua pintura (para que negal-o?) liberta-se por  
 completo das pelas *realistas*, que atraz tentei de-  
 finir. Não é decerto uma pintura *larga*, que su-  
 bordina os detalhes ao *motivo* central, esta arte  
 delicada que, pelo contrario, se compraz no en-  
 cantamento do pormenor, como se vê, por exem-  
 plo, no seu quadro *O chale*, em que indubita-  
 velmente ainda o menos tratado é a figura.

Esse estudo attento e apaixonado dos acces-  
 sorios, não visa porem, effeitos facéis, nem se  
 desvia para o *brincado* local e pueril do pincel,  
 an'tes se traduz por uma applicação sincera e absor-  
 vente, por uma preferencia bem sentida de in-  
 interpretação, que sem cus'o se nos torna commu-  
 nicativa.

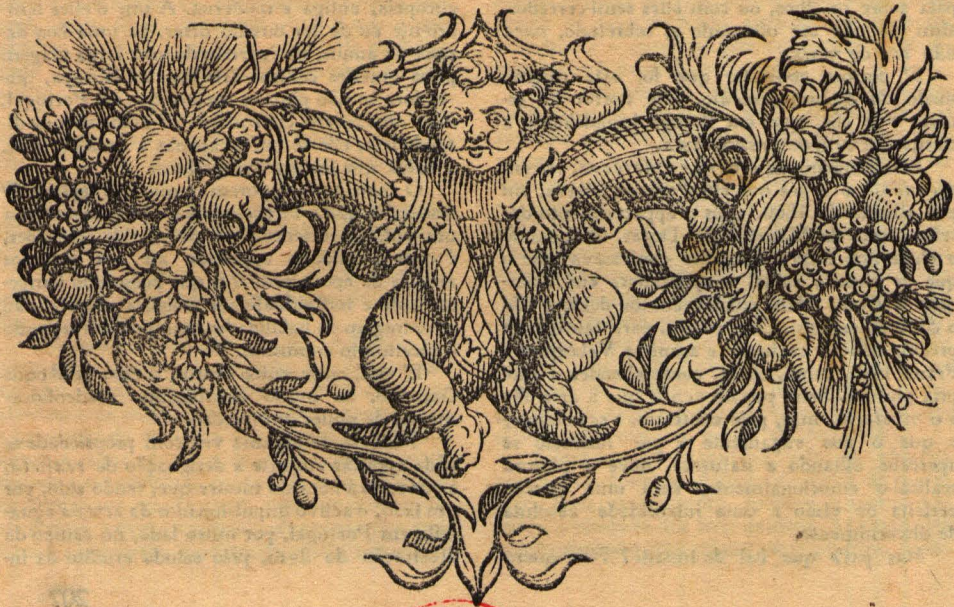
A graça ingenua com que nos é *descripto*,  
 naquelle quadro, o tapete suspenso da parede e  
 o velho canapé *imperio*, empresta a esta pequena  
 tela um cunho de sinceridade inesquecivel.

Como estamos longe, aqui, dos effeitos gros-  
 seiros e *feéricos* do *virtuosismo* tecnico!

Se, porém, a pintura de Mamia Roque Ga-  
 meiro faz vibrar, na côr elementar e como que  
 simplificada, uma nota de claridade inconfundí-  
 velmente moderna — seus desenhos revelam-nos,  
 por sua vez, um traço, ao mesmo tempo, delicado  
 e vigoroso.

Não ha nelles fragilidade nem inconsistencia.  
 O lapis recorta, contorna com finura, demoran-  
 do-se aqui e além a cuidar; ora passando, li-  
 geiro, de leve; ora vincando com intenção; e,  
 entretanto, o volume é respeitado na sua in'e-  
 gridade, e a forma salva-se, liberta de *esfumados*  
 amolcedores e de *sombras* inoportunas.

Em summa, de Mamia Roque Gameiro,  
 pintora de vinte annos, com verdade se pôde  
 dizer que *desenha*, no sentido mais antigo e mais  
 moderno d'esta palavra: desenho.



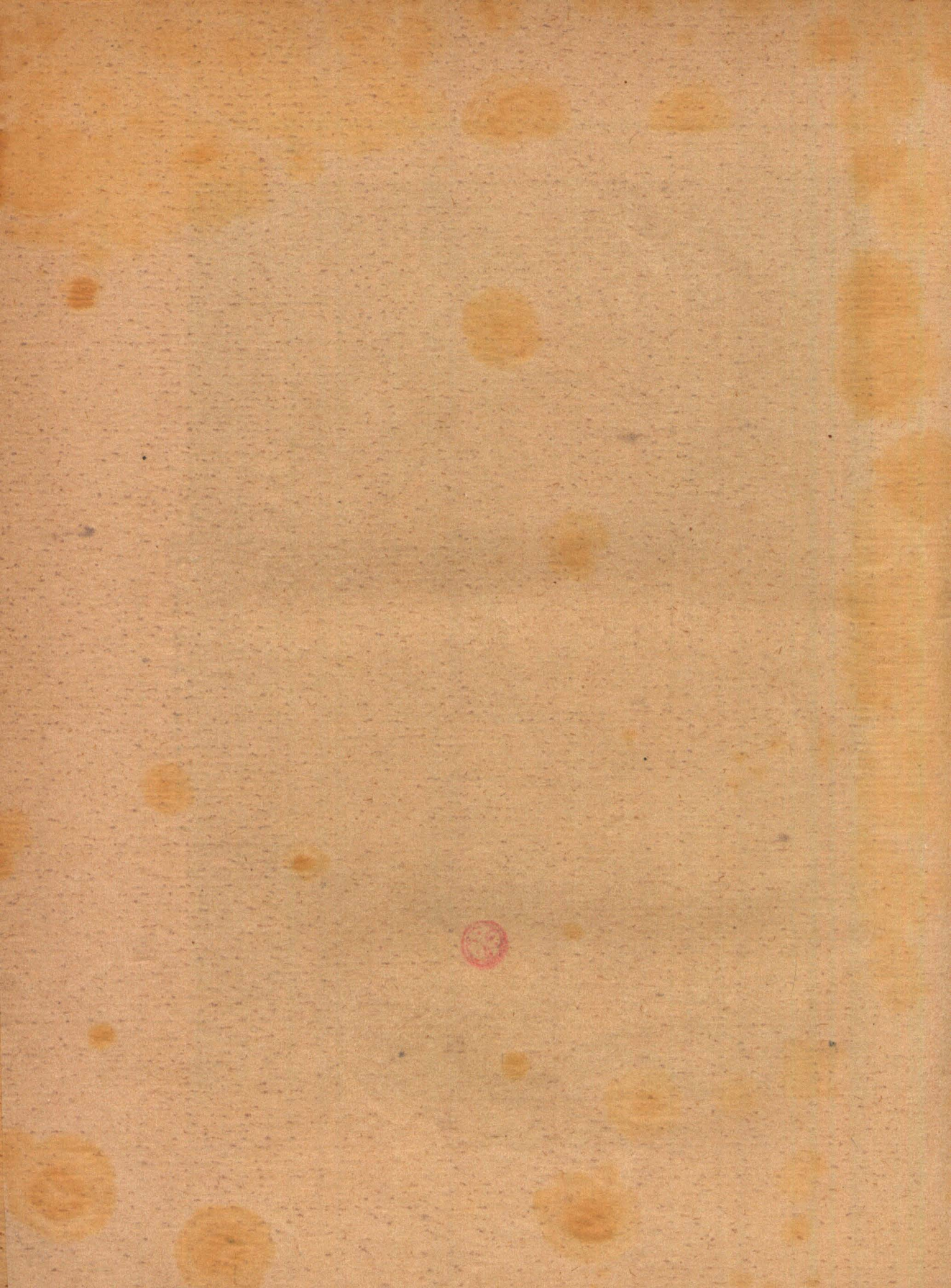


*Pesce tradito al Pescator da vita*

*F. Bartolozzi del. et M. Goussier sculp. in Roma. Anno MDCCLXXV. P.F.S.*

ATHENA — Gravura

por BARTOLOZZI







ATHENA — Porcelanas

por MÁRIA ROQUE GAMEIRO





ATHENA—O *chale*

por MAMÍA ROQUE GAMEIRO

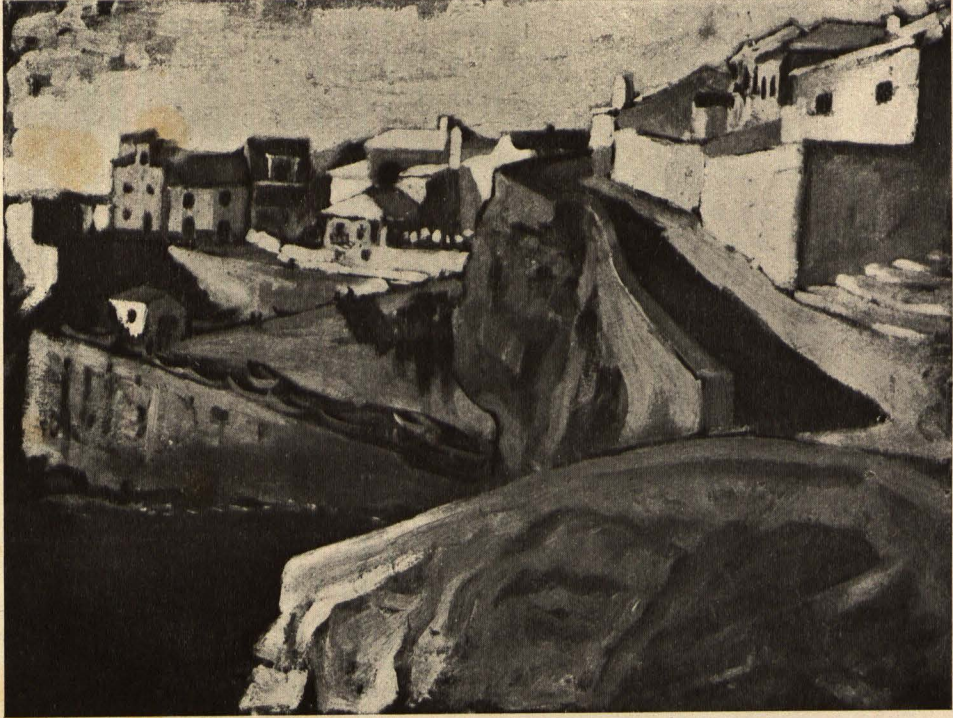




por MAMÍÁ ROQUE GAMEIRO

MAMÍÁ  
1920  
ATHENA — Apontamentos





ATHENA — *Ericcira*

por MAMÍA ROQUE GAMEIRO







ATHENA — Retrato

por MAMIA ROQUE GAMEIRO



# I N D I C E

## TEXTO

	pag.
Athena ( <i>Fernando Pessoa</i> ) . . . . .	5
Oito Sonetos ( <i>Henrique Rosa</i> ) . . . . .	9
Pierrot e Arlequim ( <i>José de Almada-Negreiros</i> ) . . . . .	13
Odes—Livro I. ( <i>Ricardo Reis</i> ) . . . . .	19
Cartas que me foram devolvidas ( <i>Antonio Botto</i> ) . . . . .	25
O Corvo ( <i>Edgar Poe</i> , trad. de <i>Fernando Pessoa</i> ) . . . . .	27
Noticia Breve sobre um Pintor da Nova Geração: Lino Antonio ( <i>M. V.</i> ) . . . . .	30
A Obra do Visconde de Menezes . . . . .	31
Quatro Gravuras de Tiepolo . . . . .	33
Mario de Sá-Carneiro ( <i>Fernando Pessoa</i> ) . . . . .	41
Os Ultimos Poemas de <i>Mario de Sá-Carneiro</i> . . . . .	43
A Loucura Universal ( <i>Raul Leal</i> ) . . . . .	47
Da Anthologia Grega . . . . .	50
A Lata Velha ( <i>Augusto Ferreira Gomes</i> ) . . . . .	51
Rimas da Loa Nova e do Bom Desejo ( <i>Francisco Beliz</i> ) . . . . .	53
La Gioconda ( <i>Walter Pater</i> , trad. <i>Fernando Pessoa</i> ) . . . . .	58
O que é a Metaphysica? ( <i>Alvaro de Campos</i> ) . . . . .	59
Quatro Sonetos ( <i>Gil Vaz</i> ) . . . . .	63
Névoa ( <i>Castello de Moraes</i> ) . . . . .	65
Santa Maria de Sintra ( <i>D. José Pessanha</i> ) . . . . .	68
Os Desenhos de Almada-Negreiros ( <i>M. V.</i> ) . . . . .	74
Um Pintor Academico: Miguel Lupi . . . . .	76
A Arte do Livro ( <i>Emanuel Ribeiro</i> ) . . . . .	79
Alguns Poemas ( <i>Fernando Pessoa</i> ) . . . . .	81
Dois Contos de <i>O. Henry</i> (trad. <i>Fernando Pessoa</i> ) . . . . .	89
Dois Poemas ( <i>Luiz de Montalvor</i> ) . . . . .	103
Poemas da Razão Mathematica ( <i>Mario Saa</i> ) . . . . .	105
Rajadas ( <i>Henrique Rosa</i> ) . . . . .	109
Apontamentos para uma Esthetica Não-Aristotelica — I ( <i>Alvaro de Campos</i> ) . . . . .	113
As Gravuras em Madeira de Mily Possoz ( <i>M. V.</i> ) . . . . .	116
Ex-Libris ( <i>Cardoso Martha</i> ) . . . . .	117
Noticia Breve sobre Manuel Maria Bordallo Pinheiro . . . . .	123

	pag.
Christmas Cake ( <i>Carlos Lobo de Oliveira</i> ) . . . . .	125
Uma Noite ( <i>Antonio de Sêves</i> ) . . . . .	135
Escolha de Poemas de <i>Alberto Caeiro</i> (De «O Guardador de Rebanhos») .	145
Apontamentos para uma Esthetica Não-Aristotelica — II ( <i>Alvaro de Campos</i> )	157
Os Poemas Finaes de <i>Edgar Poe</i> (trad. <i>Fernando Pessoa</i> ) . . . . .	161
A Alvaro de Campos ( <i>Mario Saa</i> ) . . . . .	165
Soares dos Reis ( <i>M. V.</i> ) . . . . .	168
A Decisão de Georgia ( <i>O. Henry</i> , trad. <i>Fernando Pessoa</i> ) . . . . .	173
Sonetos ( <i>Francisco Costa</i> ) . . . . .	185
O Meu Instincto ( <i>Antonio Alves Martins</i> ) . . . . .	189
Prologo e Oração sobre a Montanha ( <i>Alberto de Hutra</i> ) . . . . .	193
Escolha de Poemas de <i>Alberto Caeiro</i> (Dos «Poemas Inconjunctos») . . . .	197
Gravuras de Francisco Bartolozzi . . . . .	205
A Pintura Realista e o «Virtuosismo» (A Proposito de Alguns Quadros de Mamía Roque Gameiro) ( <i>M. V.</i> ) . . . . .	205

## ESTAMPAS

a seguir a pag.

Tiepolo — 4 gravuras . . . . .	34
Lino Antonio — 5 quadros . . . . .	40
Visconde de Menezes — 11 quadros . . . . .	40
«Santa Maria de Sintra» — 15 ill . . . . .	68
«A Arte do Livro» — 9 gravuras . . . . .	76
Almada-Negreiros — 4 desenhos . . . . .	80
Miguel Lupi — 2 quadros e 2 desenhos . . . . .	80
Mily Possoz — 4 gravuras em madeira . . . . .	116
Ex-Libris — 20 reproducções . . . . .	117
Manuel Maria Bordallo Pinheiro — 1 desenho e 4 quadros . . . . .	124
Soares dos Reis — 8 reproducções . . . . .	168
Bartolozzi — 1 gravura . . . . .	205
Mamía Roque Gameiro — 2 desenhos e 3 quadros . . . . .	205

## ERRATA

Aparte pequenos erros, de facil correcção pelo leitor, ha a notar neste volume só dois, que são de maior vulto. A palavra «caricaturas», na nota da 1.ª col de pag. 79, deve ser «cantochoão». No verso «A esta febre de Além, que me consome», a pag. 81, a primeira palavra devê ser «E».



